CLIMAS – DOSSIER DE IMPRENSA

Dezembro de 2016

«Chove. A voz é outra.»

(…) A sala de ensaios é uma folha em branco, ou uma folha que outrora foi uma folha em branco e que hoje está cheia de garatujos, de restos de caminhos, de vidas passadas a inventar formas para aquilo que vamos fazendo da vida. Teatro, não é? Ou uma dança das ideias que não quer levantar-se, mas «cair e perguntar». (...)
Hoje, propõe-nos um jogo de remissões, uma topologia que transita entre a clarificação do dispositivo teatral e a possibilidade da fantasia, da irrupção de paisagens significantes, da instalação de sucessivas atmosferas poéticas. De uma qualidade de poesia que, como sempre acontece quando entramos nos universos da Circolando, é feita de matéria. Poesia construída por e com corpos reais, fisiológica, elementar e telúrica. (...)
Seis corpos habitam este espaço. Três corpos masculinos e três corpos femininos. Sublinho-o porque não é estranha ao jogo proposto nesta peça a ideia de simetria, de convenção, de desejo melancólico de uma ordem que sabemos impossível. Como não é estranho, longe disso, que essa aparência de ordem se estilhace depressa e dê lugar a um jogo perigoso em que os corpos, no confronto com os elementos, começam a despir-se das suas referências, a mudar-se noutros corpos, a vestir outras peles. O que estes seis corpos, estas infinitas personagens, nos propõem é um circo sincrético, um dispositivo teatral, musical e coreográfico que se organiza em temas e variações, que gosta da citação e da cumplicidade, no qual a puerilidade dos signos e a inocência dos gestos contrastam com a violência daquilo que nos mostram. (...)
Vê-se e sente-se que este é um espectáculo que casa um conjunto de pontos de partida, poéticos e aparentemente científicos, com energias e ficções cuja densidade revela um processo de construção colectiva que não começou no primeiro dia de ensaios. Com toda a felicidade, à medida que nos deixamos envolver por este ritual heteróclito, burlesco, às vezes quase xamânico, perdemos o desejo, ou sequer a possibilidade, de identificar as matérias, as referências literárias ou musicais, deixamos de pensar e entregamo-nos a um contínuo onde interessam sobretudo a evidência física, virtuosa, do cansaço dos corpos, a carga plástica,

reconstrutiva, dos elementos que se cruzam e combatem, a organicidade que emerge dos universos cúmplices que se desdobram aos nossos olhos... (...)
Quatro meros anos depois do quase solo de Areia, momento fundador em que o performer se redescobre corpo e se reinventa numa outra linguagem, como alguém que se despoja das riquezas passadas e volta a trilhar o caminho das pedras; depois da exuberância de Paus e Pétalas, espécie de procura genealógica de todas as possibilidades de filiação e descendência; depois dos Espírito do Lugar e da descoberta poética das franjas da cidade e das possibilidades dramáticas da banalidade essencial que as habita, no confronto com o cansaço dos passos que as percorrem; depois da experimentação de todas as energias que podem fluir do encontro entre profissionais e não profissionais, em Rios do Sono, ou em Horas; depois do lado escuro da Noite: eis-nos chegados a um espectáculo de maturidade. A um objecto complexo, lúdico e inquietante, onde tudo aquilo que julgamos conhecer se torna espesso e revela materialidades inesperadas, onde as imagens e as perguntas que nos falam de nós e do inferno que somos, das alterações climáticas e dos refúgios desolados para que vamos sendo, humanidade, empurrados não se transformam em programa, em panfleto, antes se evidenciam como estados transitórios, interrogativos, de uma verdadeira filosofia dos sentidos. Ou, como muito melhor diria o Gabiru de Raul Brandão: «O fim lógico da vida não é morrer, é viver sempre, é ascender sempre. Até onde?»
Pertenço àquela espécie, hoje tão vilipendiada, das pessoas que acreditam numa (ainda que evanescente) natureza demiúrgica da prática artística. Nestas duas horas, vivo um outro universo, feito dos mesmos átomos de que são feitos todos os universos, mas outros, um mundo que se me mostra num fragmento da sua própria eternidade.

José Luís Ferreira
Produtor e Programador (São Luiz Teatro Municipal,
SITE, PoNTI)

Climas é uma criação que assume, sem pudor, a sua imensa fragilidade vinda da impossibilidade de encontrar um terreno seguro que possa ser mapeado e, desse modo, ver cunhada a mesma singularidade hoje usada como sistema de validação.
Como se fosse um longuíssimo plano sequência, Climas percorre mais uma paleta de estados de alma do que estações meteorológicas e, de forma hábil, faz-nos acreditar no tempo como símbolo de um estado de espírito. Tal como se pudéssemos dizer que a euforia pode ser traduzida pela força de um vento elísio, e a soturnidade pelo prenúncio de trovoada.
Há várias evocações que nos surgem, bizarramente, gémeas numa coreografia que se evade, que busca a fuga, que se estrutura a partir da recusa, como se quisesse, ainda sem saber, criar a sua própria linguagem numa língua que todos falam mas ninguém parece entender.
De Le Fleuve, de Jean Renoir, filme amargo, amarguíssimo, falsamente deambulatório por um Ganges esperançoso e fatídico, a Replacement, coreografia de Meg Stuart, que retira a estabilidade dos intérpretes e os sujeita a ser corpo, coro, matéria e tragédia de si mesmos, o que André Braga e Cláudia Figueiredo, com seus intérpretes mais do que dedicados, nos oferecem é essa paleta de dificuldades em firmar e formar o caminho que possa servir de guia a uma saída, tal como faz o colectivo grego Blitz com 6AM How to dissapear completely, que escavam nas suas próprias dúvidas o caminho a seguir.
Climas é tanto mais curioso quanto se oferece como súmula de duas linhas que fazem da Circolando uma companhia atípica na paisagem portuguesa: por um lado a ruralidade que faz das suas criações árduas pesquisas sobre o que de mais transcendente possa existir no movimento relacionado com o quotidiano e, por outro, um lado urbano-depressivo que, desde que abandonaram um teatro-físico como linha dominante, lhes faz serem arautos de um mal-estar social que se vai instalando silenciosamente até se tornar condição natural. Que possa ser através de uma peça sitiada numa paisagem agreste, sem entradas nem saídas - e daí tantas fugas em torno de si mesmos - é extraordinário ao ponto de nos deixar perplexos e incomodados.
Talvez não se pedisse esperança, mas que colectivo pode ser construído quando cada indivíduo parece ser insuficiente em si mesmo? É dessa dúvida, que ultrapassa largamente o espectro dramatúrgico desta peça, que Climas se faz, fechando um ano amargo. Criação sobre o estado das coisas? Sim. Criação em estado de sítio? Absolutamente.

Tiago Bartolomeu Costa
Crítico de dança e teatro e Programador (Chantiers d'Europe, São Luiz Teatro Municipal - programação internacional)

CISION

Publico

ID: 67265316

08-12-2016

Tiragem: 33035
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 29
Cores: Cor
Área: 21,55 x 29,97 cm²
Corte: 1 de 1

A revolução cairá do céu

Teatro
Inês Nadais

***Climas*, que agora se estreia no Teatro Nacional São João, é o diário em que a Circolando anotou a vida em 2016**

6 de Dezembro de 2016, 20 inacreditáveis graus centígrados em todos os *placards* electrónicos de uma cidade europeia onde costumava haver Inverno, o casaco enrolado no braço, a camisa arregaçada até ao cotovelo, o pescoço transpirado a pedir um botão a menos no colarinho, e começa a ser oficial que este é o ano em que vamos estar de manga curta (sem manga?) no Natal.
Se não acontecer, poderia ter acontecido – embora 2016, também já é oficial, tenha sido o ano em que um furioso negacionista das teses sobre o aquecimento global chegou à presidência dos Estados Unidos (depois de ter dito que a temperatura na Terra não está de todo a aumentar, é só uma mentira inventada pelos chineses).

O Verão a que passámos a ter direito em Dezembro, o Donald Trump que se calhar nem a América merecia, quanto mais o resto do mundo – "essas coisas todas", resumem André Braga e Cláudia Figueiredo, acabaram por ficar em *Climas*, a "criação muito colectiva" que a Circolando estreia hoje no Teatro Nacional São João, no Porto (até dia 18), e que no início do próximo ano chegará a Lisboa (Culturgest, 20 e 21 de Janeiro) e Aveiro (Teatro Aveirense, 3 de Fevereiro).

Algumas delas estavam previstas desde o início do processo, como sempre muito influenciado pelas leituras prévias (o *Diário das Nuvens* de Goethe, os ensaios de Michael Taussig, algum Henri Michaux, e a dada altura os diários de Raul Brandão); outras surgiram do corpo-a-corpo entre os intérpretes (Costanza Givone, Daniela Cruz, Gil Mac, Margarida Gonçalves, Paulo Mota, Ricardo Machado) e destes com os materiais trazidos para a sala de ensaios – como as botas texanas que acabaram por fazer aparecer um *cowboy*, dando finalmente o palco a "uma certa ideia de protesto" depois amplificada pela banda sonora.

PAULO PIMENTA

***Climas*, a "criação muito colectiva" que a Circolando estreia hoje**

O que *Climas* também amplifica, e radicaliza, é a experiência muito existencial de se estar vivo aqui e agora – imaginando as seis personagens, colocadas num lugar transitório algures entre a estação meteorológica ou a residência artística (a ambiguidade é propositada), sob o efeito de "fenómenos climatéricos extremos, mas não necessariamente apocalípticos", ressalvam os directores artísticos da companhia.

"Sempre quisemos explorar um possível paralelismo entre as alterações climáticas e situações doentias, pantanosas. Como numa panela de pressão, que parece que vai explodir mas nunca explode", explicam ao PÚBLICO.

Antes do fim

Ainda assim, não deixa de ser o quotidiano que está em cena – o quotidiano dos banhos de sol apesar das queimaduras solares, dos chuveiros prolongados apesar da ameaça de seca, dos japoneses tão fofinhos apesar de matarem baleias, do futuro apesar de ser negro.
"Mais do que de climas, estamos a falar de pessoas", sublinha André Braga. E as pessoas, claro, também têm as suas estações das chuvas, as suas nuvens negras, os seus arcoíris, pessoais e colectivos: "Podemos ver as danças de possessão africanas como tremores de terra humanos". E há muitos desses tremores de terra em *Climas*, não apenas nas imagens de arquivo que desceram da outra nuvem, mais virtual, do universo paralelo a que chamamos Internet.

O que também há, embora a Circolando não negue ter querido falar do "fim das possibilidades" (já há um ano, quando estavam quase a estrear *Noite*, era disso que prometiam falar a seguir: "da revolta do relâmpago, do vulcão e da terra a explodir"), é um céu mais ou menos infinito (e corais em movimento perpétuo, e toda a vida que se esconde debaixo do vulcão), um céu que continua lá, e que sempre lá estará para quem quiser olhar para ele.

> **"Por muito que sintamos que a explosão está próxima, continuamos a acreditar muito em nós"**

Nisso, a companhia encontrou no Goethe do *Diário das Nuvens* o seu herói deste Outono/Inverno. "Essa ideia de que observar a natureza é uma forma de abertura ao mundo, de que eventualmente conheceremos o todo se estivermos abertos ao ínfimo, de que olhar para o céu pode fazer aparecer um novo órgão, uma nova lucidez, uma nova sensibilidade, animou-nos muito durante este processo", diz André Braga.

Se o fim está lá, continua Cláudia Figueiredo, "é para ser contrariado": "Por muito que sintamos que a explosão está próxima, continuamos a acreditar muito em nós. E passámos a acreditar que parar a olhar para o céu pode ser um acto revolucionário."

inadais@publico.pt

Circolando por “Climas” no palco do ‘São João’… até 18 de Dezembro

Por **Joao Arezes** - Dezembro 15, 2016

foto: João Tuna

Eles entregam o corpo e dão-se com alma ao longo de quase duas horas. É assim no mais recente espectáculo da Circolando, “Climas”, que está em cena no Teatro Nacional São João até ao próximo dia 18 de Dezembro. A verdade é que tem sido sempre assim, a companhia que sem necessidade de teses laudatórias quanto à qualidade da prestação serviços começou por mudar a paisagem artística da Invicta a partir de uma zona improvável da cidade (à data), Campanhã, e a ‘esp(e)alhar’ o seu labor artístico de carácter transdisciplinar, foi granjeando o respeito dos pares com a entrega generosa e suada (muito suada) que deposita nos trabalhos que produz.

“Climas” possui desde logo esse condimento apreciável de ter por génese o “Diário das Nuvens” de Goethe. A esta obra, onde o autor alemão aspira a “reintegrar o céu na paisagem urbana” e onde pugna pela defesa da ideia de que a observação atenta da natureza poderá desenvolver no homem uma outra forma de lucidez, junta-se a memória que André Braga, responsável pela direcção artística em colaboração com Cláudia Figueiredo, tem da cronologia que está na base da origem do espectáculo: “Tudo isto começou há dois anos em França, quando conhecemos um grupo de 12 jovens finlandeses, finalistas de um curso de teatro. Fomos para lá e a dada altura decidimos confrontar-nos com a ideia de como é que o Clima influencia o Homem?”. O ponto de partida levou os elementos das diferentes geografias a conclusões que de certa forma se tornaram em contributos cénico-dramatúrgicos, a matéria-prima essencial para o desenvolvimento do trabalho de palco.

foto: João Tuna

“Até porque para eles, para os finlandeses, a relação com a luz, ainda é maior, pois vivem num território gigante, têm uma população mais reduzida, e estão mais sensíveis aos fenómenos climáticos.” Esta enzima artística foi o catalisador, o motor de arranque, para a criação de “Climas”, juntou-se a estes elementos uma boa pitada de Taussig, o antropólogo australiano que também auxiliou a que o desígnio da peça fosse posto em palco, sobretudo pelo facto de advogar que o clima é o elemento que mais influencia a arte e o comportamento humano. O elã filosófico que este magma compacto de ideias somadas despertou fez o resto da génese do trabalho. E depois, como acaba por perceber-se, existe sempre uma enorme margem para a improvisação em torno da ‘matéria dada’, que acabou por investir da própria condição de criadores todos os intérpretes.

Nesta curta conversa com o Global News, que decorre em plena esplanada do Café Java, ali bem perto do Teatro Nacional de São João, André Braga, confessa: “Este espectáculo é um pouco… não uma síntese, mas é o reflexo do que temos andado a fazer desde 2012, ano de “Areia”, possui mais texto do que é normal (dito através do microfone) nos nossos trabalhos. Mas o texto é mais uma camada, com a poesia e filosofia e um grande excerto do Raúl Brandão, depois temos a dança, o teatro, o vídeo e música.” E prossegue o raciocínio “Na sala de ensaios sentimo-nos livres de técnicas. E temos tudo, estamos a misturar tudo: som, movimento, dramaturgia… em camadas muito livres, onde às vezes a dança ganha mais protagonismo e outras vezes é o texto a destacar-se.”

Vimos “Climas” após esta breve conversa e tudo parece fazer sentido nesta matriz, há sol e chuva, brisas, ventos e trovoadas, e anatomias que ora se agitam em frenesim, ora caminham de forma suave entre o odor de uma fragrância telúrica que sempre carimbou a relação próxima entre a Circolando e a terra que pisa, que eles e elas pisam no palco. Há um humor honesto e saboroso feito de sátira e ‘canto lírico’, há uma ironia mordaz e hilariante como recurso à questão da morte das baleias pelos japoneses, projecções-vídeo preenchidas por agitação social e catástrofes ambientais, soldados e tribos em transe e algum *rock and roll* bem esgalhado.

Deste modo, os quatro capítulos que resultaram da estruturação do trabalho: pântano irrespirável, febre seca, coração da terra e buraco negro constituem os quadros cénicos e dramatúrgicos em que se emoldura o desfile dos intervenientes em palco: Constanza Givone; Daniela Cruz; Gil Mac; Margarida Gonçalves; Paulo Mota e Ricardo Machado.

foto: João Tuna

Lançamos o repto a André Braga, para que dirigisse ele próprio um convite aos potenciais espectadores de “Climas” e a resposta não tardou: “Considero que é necessária uma certa predisposição para estar connosco ao longo de duas horas.” Dado este primeiro passo, pede-se a quem quiser ir ver o espectáculo uma outra condição imperativa, é necessário “ deixar-se levar, criar os seus próprios afectos, viajar para dentro de si e sobretudo não estar a raciocinar, para que o espectáculo seja mais emotivo e menos racional”. Está dada a receita, e é certo qualquer resultado de previsão meteorológica não vai afectar a fruição de “Climas”.

Comentários

0 comentários

CISION

ID: 67249206

VISÃO

08-12-2016 | Visão 7

Tiragem: 93360
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Lazer

Pág: 25
Cores: Cor
Área: 13,61 x 23,30 cm²
Corte: 1 de 1

Climas Porto

Imprevisibilidade meteorológica

Quando a natureza extravasa e as emoções ficam à flor da pele, surgem novas possibilidades no horizonte da Circolando

Pântanos irrespiráveis, buracos negros, tempestades de areia. Os cenários ou boletins meteorológicos vão variando, mas é sempre a vulnerabilidade do homem perante as forças da natureza que é reverberada em *Climas*, o novo espetáculo da Circolando. Mais do que seguir uma narrativa, os criadores André Braga e Cláudia Figueiredo deixaram os intérpretes vaguear entre altas e baixas pressões, fazendo dos fenómenos naturais extremos um motivo para se descobrirem e se exporem aos outros.

Regressam a Goethe e ao seu *Diário das Nuvens* (já explorado no espetáculo-percurso *Espírito do Lugar 2.0*), optando agora por um palco convencional. O encontro entre poesia e estudo da natureza, promovido pelo autor alemão, esteve na base dos exercícios dos intérpretes (Costanza Givone, Daniela Cruz, Gil Mac, Margarida Gonçalves, Paulo Mota, Ricardo Machado), verdadeiros cocriadores de *Climas*. "Fizemos improvisações muito longas, para que pudessem chegar a lugares que não conhecem, mas que são muito seus", explica André Braga. Avassalados por uma espécie de "hipersensibilidade climática", um estado febril e inquieto, trabalham diferentes paisagens emotivas ou físicas. Há dança, teatro, vídeo e som a contribuir para a tempestade perfeita. O palco do Teatro Nacional S. João, rodeado de plantas, antenas parabólicas e torres de observação, transforma-se numa mistura entre estação meteorológica, sanatório e laboratório artístico. Onde o indizível acontece. **J.L.**

DINIS SANTOS

TNSJ > Pç. da Batalha, Porto > T. 22 340 1910 > 8-18 dez, qua 19h, qui-sáb 21h, dom 16h > €7,50 a €16

DANÇA

Sofia Soromenho

Climas Conturbados

O espetáculo *Climas* de André Braga e Cláudia Figueiredo (Circolando) estreou no final de 2016 no Teatro Nacional São João (Porto) e é agora apresentado na Culturgest (Lisboa) no próximo fim-de-semana, nos dias 20 e 21 de janeiro, seguindo depois para o Teatro Aveirense em fevereiro.

O aquecimento global, o tempo, a pressão atmosférica, a paisagem, foram estímulos iniciais, que aliados ao *Diário das Nuvens* de Goethe deram o mote para a pesquisa coreográfica deste espetáculo. Qual o impacto que as transformações climatéricas têm no ambiente? Na vida? De que modo é que os fenómenos naturais influenciam o ser humano?

Se a Terra se tem vindo a modificar com o tempo – tempo cronológico e tempo climatérico – também nesta viagem o tempo influencia e altera não só o meio ambiente, mas também o comportamento e o corpo. Mais do que uma tempestade que provoca uma enchente de chuvas e lama que destrói casas e prédios, uma tempestade individual que atinge as pessoas e as relações humanas. Neste espetáculo somos confrontados com diversas situações, numa espécie de laboratório climatérico, que se alteram constantemente como se um termómetro oscilasse entre frio e calor extremos; e onde ocorressem inesperadamente sucessivos desastres naturais, tempestades, terramotos, bombas nucleares.

O cenário extremamente plástico vai-se transformando ao longo da peça; tanto pode ser um sanatório, como uma estância de férias, um laboratório artístico ou uma espécie de subúrbio, que seja no frio, seja no calor intenso não tem salvação. Um local habitado por seres hipersensíveis às alterações climatéricas que reagem intensamente a esses estímulos – um aquecimento global que ao nível individual provoca um estado febril e há uma pressão constante como se algo estivesse prestes a explodir. Há urgência, há pessoas em constante desequilíbrio... pessoas que se desencontram na vida quotidiana e que experimentam tentativas consecutivas para construírem algo maior, desconhecido, tentativas essas que se sucedem independentemente das alterações que surgem neste cenário em constante mutação. Se de início parece ser uma estância de férias em que o caos é controlado, os corpos de seis intérpretes (três mulheres e três homens) denunciam uma agitação incontrolável que vai crescendo ao longo da peça. Uma estância de férias ou um sanatório que nada têm de são; a sanidade questionável do ser humano que se confronta diariamente com os imprevistos externos (meio ambiente) e internos (inquietações, dúvidas ou medos) que surgem sem aviso ou previsão, são coreografados freneticamente ora em espasmos rítmicos ora em convulsões e movimentos orgânicos que pulsam e respiram por entre os diferentes quadros que se apresentam. Seja na relação a dois, seja ao nível individual, as transformações ocorrem violentamente e são expressas através do corpo e da expressividade do movimento. Cláudia Figueiredo em conversa com o JL revela que o processo criativo foi baseado em improvisações exaustivas acerca dos temas propostos. Os intérpretes pesquisaram intensamente realizando longos períodos de improvisação e o resultado final evidencia este método – chegar a lugares imprevisíveis e permitir ao espectador a surpresa do imprevisto. São intérpretes extremamente virtuosos do ponto de vista técnico (da dança) que imprimem em cada movimento uma carga emotiva e física que arrebata o público. Esta mais-valia está patente quer nos solos eletrizantes, quer nos duetos e trios que criam uma sensação de caos prestes a insurgir. Como uma bomba que está quase a rebentar ou um abismo muito próximo dos nossos pés.

Climas de André Braga e Cláudia Figueiredo (Circolando)

Há também uma vibração constante que através dos ambientes sonoros e visuais (uma tela de vídeo gigante no fundo do palco) reforçam a sensação de tensão ininterrupta e complementam os ambientes/paisagens que atravessam este espetáculo: o céu, o fundo do mar, a água corrente, animais selvagens, explosões nucleares e muitas outras imagens.

Climas é um espetáculo intenso e violento que provoca inúmeras sensações pessoais únicas e permite múltiplas leituras. São quase duas horas de constante ebulição numa viagem sensorial e emotiva que questiona a condição humana perante violentas pressões ambientais e sociais. JL

Reintegrar o céu na paisagem humana

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 12-12-2016

Meio: TSF Online

URL:http://www.pt.cision.com/s/?l=14cf2fca

Climas para ver no Teatro Nacional de São João, entre 8 e 18 de dezembro 2016.

PUB

PUB

Após 16 anos de carreira a Circolando estreia hoje no Teatro Nacional São João a sua nova criação - Climas, sob a direção artística de André Braga e Cláudia Figueiredo. Climas propõe-nos uma reflexão sobre o corpo enquanto paisagem constitutiva do eixo que liga tempo e clima, o corpo desenhado pelo e no tempo, quer seja este tomado como duração quer seja como variação climatérica, o tempo é sempre presença, fora dele não existimos, não somos nem estamos a ser, não acontece-mos.

Consideramos o boletim meteorológico como dado adquirido esquecendo que a primeira classificação das nuvens data de 1803, "Sobre a modificação das nuvens" de Luke Howard é a pedra angular para uma identificação das nuvens cujos contornos fundamentais ainda hoje são válidos. Howard dá a visão científica que Goethe utiliza nas suas observações e reflexões poéticas dos fenómenos meteorológicos. "Reintegrar o céu na paisagem humana", desafio de Goethe no seu "Diário das Nuvens" é o ponto de partida na criação deste espetáculo.

Dizem-nos André e Cláudia sobre a sua proposta em Climas: "Improvisa-se uma espécie de hipersensibilidade climática e explora-se a força e imprevisibilidade de nos deixarmos atravessar pelas mais variadas forças naturais. O corpo transformado em paisagem submete-se à ação de um potente imaginário climático e deixa-a reverberar. Aderimos ao encontro entre poesia e estudo da natureza defendido por Goethe e somos seduzidos por essa sua ideia de que a observação atenta da natureza poderá desenvolver no homem uma espécie de novo órgão, uma outra forma de lucidez. (...) A dinâmica dos climas e o imaginário associado a eles serão usados principalmente como metáforas para olhar os homens e suas relações.".

Acrescentando a força reveladora que esta síntese de Kathryn Yusoff em "The air has no residence" teve no processo criativo: "O que permanece connosco (enquanto sensação, eco, pensamento) é aquilo que mais resiste à interpretação: o indizível; o gesto; o irredutível. [...] É nesta resistência que encontramos a arte capaz de adaptar, moldar e configurar os novos pensamentos do possível. Neste sentido, a arte é como o tempo [...]; é uma força que contém pressões, tempestades, luzes e humores diversos. Pode fustigar-nos, atingir-nos até ao mais fundo de nós, pode envolver-nos e dispersar-nos em incontáveis estilhaços de luz.". As dinâmicas climatéricas e o imaginário a elas associado usadas como metáforas para olhar os homens e suas relações.

Ser ético no processo artístico surge como a possibilidade de habitar as mudanças climáticas e sociais que vivemos, tentam-se abrir espaços criativos que lidem com este desafio, é preciso que se reconfigurem. Climas aponta-nos esse lugar.

Percorra a galeria de imagens acima clicando sobre as setas.

CULTURA

Ecossistema febril

14.01.2017 às 18h00

O corpo virado do avesso numa peça de André Braga e Cláudia Figueiredo
DINIS SANTOS

As mudanças climáticas, dentro e fora do corpo humano, pela Circolando

CLAUDIA GALHÓS

Donald Trump, enquanto candidato à presidência dos Estados Unidos, afirmava que as mudanças climáticas são "uma invenção da ciência". Enquanto presidente eleito lá reconsiderou e declarou estar de "mente aberta" para encarar a questão. As evidências da relação que temos com o ambiente não deixam margem para dúvida: a ação do homem sobre a natureza causou danos perigosos para a sobrevivência da espécie humana. Os artistas também têm alinhado na reflexão e no alerta sobre este tema.

É isto mesmo que faz a Circolando — companhia do Porto, dirigida por André Braga e Cláudia Figueiredo — na nova criação, "Climas". Na verdade, mesmo antes desta peça para seis intérpretes, com música ao vivo e projeção de vídeo, já havia uma dimensão ecológica na obra da companhia, criada em 1999, na altura mais identificada com o novo circo.

De então até hoje, os materiais naturais foram protagonistas nos seus espetáculos, numa poesia visual que criaram em diálogo íntimo com a expressividade do corpo. Basta recordar a presença das matérias da vivência da escuridão pelos mineiros em "Cavaterra" (2004); o papel fundamental da madeira em "Casa Interior" (2006), no maravilhoso cenário construído com portas velhas; ou a areia na peça com o mesmo nome, de 2012, que inaugurou uma dimensão mais intimista e que afirmou a posição sensível da Circolando na dança e num género que integra múltiplas disciplinas. Podemos incluir também "Noite" (2015), inspirada na poesia de Al Berto, que dava continuidade a uma estética de ruína, também do corpo e das vivências humanas, mas ali muito marcada pela destruição, permitindo uma leitura paralela entre um comportamento humano perturbado e a pegada humana deixada no planeta, nomeadamente por via do petróleo, do desperdício, do consumo excessivo...

De modo intencional, um paralelismo da mesma ordem faz parte de "Climas", tal como os próprios esclarecem, "entre o aquecimento global e um estado febril e inquietado", em que "um espaço feito de cruzamentos foi tomando forma: estação meteorológica, sanatório, estância termal, laboratório artístico". O "Diário das Nuvens" de Goethe é uma das inspirações, ao "reintegrar o céu na paisagem humana". "O clima é presença", afirmam, "um corpo inconsciente" que liga o humano ao cosmos.

CULTURA

“Climas” agitados no TNSJ questionam a “panela de pressão” onde vivemos

08.12.2016 às 16h48

JOÃO TUNA D.R.

A peça “Climas”, uma criação da companhia Circolando e baseada na obra “Diário das Nuvens”, de Goethe, transporta para o palco a força da natureza e envolve o público na turbulência de tempestades interiores

ANDRÉ MANUEL CORREIA

Chegamos ao Teatro Nacional São João e não sabemos muito bem que “Climas” nos aguardam, nesta que será a última estreia da temporada. Ainda antes de entrar na sala de espetáculos, através dos corredores que dão acesso aos camarins, ouvimos o som cada vez mais forte e ensurdecedor do vento. Do ponto de encontro entre o teatro, a dança, a poesia, a música e o vídeo gera-se uma tempestade ao longo das quase duas horas deste espetáculo performativo, em cena a partir desta quinta-feira e até 18 de dezembro. No palco que, repentinamente, parece ser a céu aberto, seis intérpretes expõem-se à turbulência de vendavais interiores, numa viagem desde o céu noturno até ao centro da Terra.

Sentamo-nos, com as luzes já apagadas, e ficamos a ver, expostos e vulneráveis, o temporal passar, enquanto os intérpretes dançam em círculos no meio da intempérie. Numa enorme tela de vídeo, que pinta as diferentes paisagens que atravessamos durante o espetáculo, são projetadas imagens do céu noturno, estrelas cadentes, explosões nucleares, ondas que rebentam nas rochas e árvores que se vergam ao vento.

JOÃO TUNA D.R.

Tudo é intenso e arrebatador nestes “Climas” incertos, que se abatem sobre lugares pantanosos e recônditos; horizontes que se metem dentro de nós. “The future is dark”, pressagia repetidamente uma das personagens deste elenco transdisciplinar. Em entrevista ao Expresso, André Braga, cocriador do espetáculo em parceria com Cláudia Figueiredo, explica que a peça “parte de uma ideia de sanatório”.

“É um grupo de artistas, pessoas hipersensíveis, que se retira num laboratório no cimo de um monte. Trata-se de um lugar de distância, para estar ao ar livre, e ao mesmo tempo é um lugar transitório, tal como a vida”, descreve o encenador.

Na base desta que é a mais recente criação da companhia Circolando está a obra “Diário das Nuvens”, do autor alemão Johann Wolfgang von Goethe, mas esse é apenas o ponto de partida. O projeto começou a ser pensado há dois anos, conta André Braga. “O clima é uma das variáveis mais potentes a atuar sobre nós”, vinca o encenador acerca destes “Climas” que tomam “o corpo como paisagem” e onde são exploradas as tempestades e dilúvios interiores. “Pretendemos questionar a panela de pressão em que vivemos, seja ela climática ou social”, frisa o responsável.

JOÃO TUNA D.R.

Em “Diário das Nuvens”, Goethe preconiza a ideia de que a observação atenta da natureza pode desenvolver uma outra forma de lucidez, como um novo órgão que se forma dentro de cada um. “A ideia é libertar o espectador do pensamento e ser uma dança emotiva que leva o público para sensações e não tanto para raciocínios”, afirma André Braga. “É o amor ao pormenor, como forma de nos abrirmos ao exterior e à observação do real através das pequenas coisas, como uma folha ou um cabelo, para que assim estejamos mais disponíveis a conhecer o todo e compreender as relações humanas”, acrescenta.

A improvisação é protagonista neste espetáculo em que tudo é exploratório, e que está estruturado em quatro partes: pântano irrespirável, febre seca, coração da terra e buraco negro, numa “espécie de carta meteorológica com diferentes centros de baixas e altas pressões”, explicam os criadores.

Esta será a primeira vez que a companhia teatral se apresenta na sala principal do Teatro Nacional São João, depois de já ter passado com outras criações pelos outros espaços geridos pelo TNSJ, o Teatro Carlos Alberto e no Mosteiro de São Bento da Vitória. “Climas” é uma coprodução da Circolando, Culturgest, Teatro Aveirense e do TNSJ. As récitas decorrem às quartas-feiras, às 19h, de quinta-feira a sábado, pelas 21h, e ao domingo à tarde, às 16h.

CISION

Time Out - Porto

ID: 67138732

01-12-2016

Tiragem: 12500
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Lazer

Pág: 68
Cores: Cor
Área: 4,91 x 25,60 cm²
Corte: 1 de 1

Estreia
Climas

Teatro Nacional São João
Dança. Quinta 8 a domingo 18.
Ver listas.

A Circolando regressa ao palco do Teatro Nacional São João para "falar do ser humano através da natureza", introduz André Braga, coreógrafo e co-director artístico da companhia. *Climas*, em estreia, é iluminado por autores como Raul Brandão e Goethe, que já tinham servido de referência a *Espírito do Lugar 2.0*, espectáculo-percurso apresentado em Setembro entre a Cantareira e a Foz do Douro no âmbito do programa camarário *Cultura em Expansão*. "Toda a teoria do Goethe tem a ver com voltarmo-nos para fora e observar a natureza como forma de nos conhecermos a nós e aos outros, como forma de trabalhar as relações humanas e sociais", nota André Braga, destacando uma das obras do alemão, *Diário das Nuvens*, particularmente presente nesta peça.

Também por isso, esta nova criação é sobre estar junto, sobre a força do colectivo e "a necessidade de revoluções" em tempos perigosos – entre outros assuntos, a recente calamidade Donald Trump "há-de aparecer aqui de alguma maneira". Climas começou a germinar há dois anos, quando a companhia esteve em França a trabalhar com um grupo de finlandeses "e a sua relação com a luz e a natureza".

DIVIS SANTOS

CISION

SÁBADO

ID: 67248821

07-12-2016 | GPS

Tiragem: 100000
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Lazer

Pág: 34
Cores: Preto e Branco
Área: 18,00 x 25,30 cm²
Corte: 1 de 2

Os *performers* ajudam a criar a peça, através de longas improvisações

Circolando a olhar o céu no Teatro São João

Em *Climas*, que estreia esta quinta-feira, a companhia do Porto sugere maior contacto com a natureza, para contrariar a inquietação social e o "estado de pré-guerra" que vivemos

RITA BERTRAND

Pouco resta das artes circenses, que éstiveram na génese da companhia e até lhe inspiraram parte do nome. Hoje, a Circolando é uma referência nacional da dança-teatro, onde tudo é dito e mostrado de forma poética, conjugando várias áreas – do vídeo à música. O mais recente chama-se *Climas* e estreia na quinta-feira, 8 de Dezembro, no Teatro São João, no Porto.

"Do circo, resiste apenas a ideia de círculo e de circulação, de andarmos de um lado para o outro com os espectáculos. Mais nada. Até já pensámos mudar o 'o' de Circolando para um 'u', mas decidimos manter e tentar reforçar, na divulgação, o cunho autoral das nossas peças", contou ao **GPS** André Braga, co-director da companhia sediada na antiga central eléctrica do Freixo (actual Cace Cultural do Porto) – e deste novo *Climas* – com Cláudia Figueiredo, sua cúmplice de aventura desde a fundação, em 1999.

É ela que assina a dramaturgia da peça, que não tem fio narrativo – "cada espectador constrói a sua própria viagem" – mas tem muitas palavras. As mais importantes são de Goethe, o maior romântico de sempre, e do seu *Diário das Nuvens* – onde defendia que a observação atenta da natureza pode desenvolver no homem uma outra forma de lucidez –, mas também lá estão excertos de textos de Raul Brandão e Henri Michaux e uma grande influência da teoria do aquecimento global segundo o antropólogo Michael Taussig. "As alterações climáticas afectam-nos, mudam o nosso dia-a-dia, ajudam a aumentar esta sensação de vivermos numa panela de pressão, numa constante inquietação, que é social e política, e resulta numa falta de ideais e num estado de pré-guerra", explica André, para quem *Climas* apresenta uma solução: "É precisar abrandar o tempo e olhar o céu, as nuvens, as plantas, para nos abrirmos ao mundo, como as flores se abrem, e aproximarmo-nos do coração da Terra, o que vai melhorar as relações humanas, que é aquilo de que nos alimentamos."

Essa mensagem está nas palavras de *Climas*, mas também no movimento, que aqui é fulcral, nascido de longas improvisações com o elenco formado por Costanza Givone, Daniela Cruz, Gil Mac, Margarida Gonçalves, Paulo Mota e Ricardo Machado – segundo André, "pessoas muito físicas, ligadas ao corpo, e, portanto, capazes de sair de si próprias para mergulhar em si próprias e que muitas vezes chegam a lugares inesperados através do cansaço". A ajudar, estão lá também os vídeos de Gonçalo Mota, a sonoplastia de André Pires e a realização plástica de Nuno Brandão e Sandra Neves.

CLIMAS

Teatro Nacional São João, Porto

|| De 8 a 18/12 || 4.ª, 19h || 5.ª a sáb., 21h || Dom., 16h

€7,50 a €16

(Digressão: 20 e 21/1/2017, na Culturgest, Lisboa, e 3/2/2017, no Teatro Aveirense, Aveiro)

Climas – TNSJ 18/12/2016

By **Paulo Ribeiro da Silva (http://www.intro.pt/author/paulo-ribeiro-da-silva/)** Posted in Didascálias (http://www.intro.pt/category/teatro/didascalias/) TEATRO (http://www.intro.pt/category/teatro/)

Posted on 23/12/2016 (http://www.intro.pt/climas-tnsj-18122016/)

A companhia portuense **Circolando (http://circolando.com/sobre/)**d (http://circolando.com/sobre/)istingue-se, desde a sua criação em 1999, pelo cariz do trabalho que sempre apresentou, apostando na fluidez de formatos e registos cénicos, com resultados consistentemente emotivos e fascinantes, mesmo quando desafiam o espectador, colocado perante a surpresa, o absurdo e a abstracção.

Desde que vimos *Casa Abrigo*, no ano já longínquo de 2008, em

pleno Mosteiro de S. Bento da Vitória, ficamos rendidos à mestria com que convocam o público, com a sua "transdisciplinaridade (...) entre a dança e o teatro, com forte apelo aos contributos de outros campos da criação: poesia, artes plásticas, música, vídeo." (apresentação **no sitio oficial (http://circolando.com/sobre/)**).

Climas (2016) TEASER curto 1 | andré braga & cláudia figueiredo / circolando

de Circolando

00:58

Mantendo esta dinâmica coerência criativa, surge ***Climas***, derradeiro espectáculo de um ano de bela safra no **Teatro Nacional de S. João**, que marca o regresso da companhia aos palcos mais convencionais. Desta feita, a inspiração deriva do ***Diário das Nuvens*** de **Johann Wolfgang von Goethe,** em que o alemão discorre poeticamente acerca do clima, pretexto para uma meditação sobre a natureza humana, a percepção da Natureza que a acolhe e o efeito dessa inevitável dialéctica sobre a existência, como uma longa e encapotada parábola. Outras leituras ajudaram a construir a estruturar a criação, como os diários de Raul Brandão ou os escritos de Henry Michaux.

"O clima é uma das variáveis mais potentes a actuar sobre nós", relembra André Braga. "Pretendemos questionar a panela de pressão em que vivemos, seja ela climática ou social". (*Expresso, 8 de Dezembro de 2016) (http://expresso.sapo.pt/cultura/2016-12-08-Climas-agitados-no-TNSJ-questionam-a-panela-de-pressao-onde-vivemos).*

O pulsar do espectáculo, "uma espécie de carta metereológica com diferentes centros de altas e baixas pressões", onde momentos de grande intensidade são equilibrados pelo silêncio quase absoluto e por personagens mais burlescas (a japonesa que vê unicórnios é de ir às lágrimas), nasce desse choque inevitável entre o perene e a diáfano, o elementar e o global, a presença avassaladora do Tempo e a fragilidade do Corpo, a volatilidade da narrativa a que convencionamos chamar Vida.

É este o cerne de *Climas*, em que "foi dado lugar central à improvisação", segunda a dupla de directores artísticos. Somos convocados para o que aparenta ser uma relaxada reunião de amigos, de férias na montanha, num local indistinto e isolado, onde o som do ambiente prevalece desde cedo.

De súbito, a calma transfigura-se em montra de verdadeira possessão, induzida pelas cambiantes climatéricas, envolventes sónica e visualmente. Como joguetes de um qualquer ente obscuro que escapa ao seu controlo, os seis actores libertam-se de movimentos (convulsos e dissonantes) e discurso, seguidos do ruído que produzem e da inusitada e incessante banda sonora, desde o

minimalismo à la Cage, à valsa de Waldteufel, ao rock a roçar o punk, com direito a guitarra e bateria *in loco* e mensagem a condizer (*"Rock N´ Roll is dead, but i´m still alive"*), num dos momentos mais incríveis e surreais da representação. As fronteiras físicas e psíquicas esbatem-se e subvertem-se a cada instante, e tudo parece possível, perante a inquietude profunda e perturbante. O elenco tanto age como uma massa quase orgânica, como, em seguida recupera cada individualidade.

Impressiona a referência constante aos elementos naturais, que o público sente literalmente na pele, gerando uma experiência sensorial quase sinestésica. A Água, real e simbólica, é chapinhada em todas as direcções, entre pulos, duches de chuveiro e danças tribais da chuva. O odor intenso a Terra, constantemente revolta, atirada e espalhada, é uma das marcas mais fortes que se trazem daquelas quase duas horas de transe colectivo. O Ar parece mais denso, emuladas as suas deslocações com os movimentos do elenco, ventos fortes e descargas eléctricas, do céu aos corpos convulsos. O Fogo reside nos ânimos e surge encarnado pelo

personagem masculino nú, completamente pintado de vermelho, que assombra o elenco. Os quatros elementos surgem subjugados pelo elemento superior, a Deusa Mãe dos profanos que a ela devotavam preces e sacrifícios e que deles dispõe livremente, hoje evocada por toda a parte, por tantos nomes quantas as variações metereológicas.

Chamar a uma performance desta estirpe uma reflexão, no que de meramente intelectual esse conceito encerra, será redutor. Erguidos para os aplausos, de volta ao gélido buliço natalício, é à nossa verdade que regressamos, agitados porque tão claramente reflectidos, talvez com uma renovada consciência da nossa transitoriedade entre um estado e o seguinte, da longa valsa com a Vida e o Tempo em que estamos encerrados, até ao dia derradeiro em que, inevitavelmente, mudaremos de par.

Climas será apresentado em **2017:** a **20 e 21 de Janeiro** na **Culturgest, Lisboa** e a
3 de Fevereiro no **Teatro Aveirense, Aveiro.**

Partilhar:

Facebook (http://www.intro.pt/climas-tnsj-18122016/?share=facebook&nb=1)

Twitter (http://www.intro.pt/climas-tnsj-18122016/?share=twitter&nb=1)

Email (http://www.intro.pt/climas-tnsj-18122016/?share=email&nb=1)

WhatsApp (whatsapp://send?text=Climas%20-%20TNSJ%2018%2F12%2F2016 http%3A%2F%2Fwww.intro.pt%2Fclimas-tnsj-18122016%2F)

TAGS: 2016 (http://www.intro.pt/tag/2016/) Circolando (http://www.intro.pt/tag/circolando/) Climas (http://www.intro.pt/tag/climas/) Goethe (http://www.intro.pt/tag/goethe/) TNSJ (http://www.intro.pt/tag/tnsj/)

Deixar uma resposta